Retomando narrativas pataxó: a circulação das awãkã'p pela memória dos anciãos[1]

Antônio Augusto Oliveira Gonçalves[2]
Ana Carolina Moreira Barcelos[3]
Ana Liz Fernandes dos Santos David[4]

Introdução

O presente texto é resultado de uma pesquisa em andamento que tem como escopo um estudo das formas de resistência e saberes construídos pelos Pataxó em seus escritos, sobretudo, com enfoque nos autoras/es pataxoop (autodenominação dos Pataxó) que escreveram a partir de suas áreas de *retomada*. *Retomada* conota aqui tanto *re-tomar* porções de terra que passaram pelo esbulho do Estado, quanto a *retomada dos parentes*, das histórias, do Patxôhã (*língua de guerreiro*) e a entrada de estudantes *txihi* (indígenas pataxó) nas universidades (BOMFIM, 2012; LOPES, 2017; BRAZ, 2019; PATAXOOP; PATAXOOP, 2020).

Nesse trabalho, em específico, vamos abordar o movimento de *retomada* através das narrativas. Os Pataxó dizem que os *massacres* e as violências sofridas pelos *makiami* (velhos anciãos e anciãs pataxó) ao longo de sua história *adormeceu* alguns saberes e narrativas na memória deles/as. A *retomada* aparece como o movimento inverso, quando esses saberes *adormecidos* e *silenciados* pela truculência dos *ĩdxihy* (não indígenas) são despertados em viagens xamânicas de rezadores/as e pajés, através das caminhadas dos *tapurumã* (jovens) em diferentes territórios e por meio da espiritualidade das *jokanas* (mulheres) *encabocladas* que recebem mensagens em transe dos espíritos da mata e da água.

Objetivos

[1] Texto produzido como resultado dos projetos de pesquisa: "Comunidades e autores/as pataxoop" e "Saberes e retomadas pataxó em Minas Gerais", vinculados à Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Divinópolis.
[2] Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Divinópolis. Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG).
[3] Graduada em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Divinópolis.
[4] Graduanda em Psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Divinópolis.

- Descrever, a partir dos textos pataxó, as formas de resistência e saberes construídos nos processos de retomada pataxó em Minas Gerais;
- Compreender como ocorre a retomada das narrativas e histórias dos velhos na rede de socialidade pataxó.

Métodos

Para atingir os objetivos propostos, consideramos uma metodologia qualitativa, de caráter bibliográfico, concebida a partir de dois eixos: pesquisa de textos pataxoop e cruzamento com a literatura antropológica sobre os coletivos pataxó.

Ao trabalhar com autorias indígenas, alguns desafios se impõem, um deles é evitar tratar os textos e descrições pataxoop como exemplo ou dado empírico de teorias *ĩdxihy* (não indígenas). Levar a sério o que dizem os Pataxó em seus textos implica em pensá-los para além dos nossos quadros disciplinares e a partir de referentes outros, que não são necessariamente antropológicos. Além do que, apresentar os Pataxó enquanto espécime vivo de construções teóricas não indígenas é desmerecer a potência do seu pensamento, negligenciar as suas demandas. Essa também é uma das críticas do antropólogo tuxá Felipe Cruz: "nós, indígenas, somos inseridos e situados num imaginário que nos é previamente destinado. Esse lugar previsto é o de fornecedores de matéria-prima intelectual ou de validadores teóricos" (CRUZ, 2017, p. 103-104).

Resultados

Itanajé Santos (2016), professora pataxó de Barra Velha, nos conta sobre a relação entre os *massacres* e o movimento das histórias através da memória dos mais velhos:

> O povo Pataxó foi um dos primeiros povos indígenas a ter contato com o não índios, um povo sofrido que, apesar de tanto massacre, não deixou de lado sua cultura, sua tradição e suas histórias. Através das histórias contadas pelos mais velhos, eles conseguiram preservar sua história por muitos e muitos anos. Antigamente, os nossos mais velhos não sabiam ler nem escrever, os saberes eram contados de pai para filho através da oralidade, e muitos de seus conhecimentos ainda ficaram perdidos com eles, por não terem conhecimento da escrita. Alguns registros foram feitos por não-indígenas, pessoas que passaram pela aldeia e que conheceram história e cultura Pataxó. Antigamente, nossos mais velhos eram nossos livros. Eles têm o dom de um contador de histórias que alguém que estudou não

> tem, porque eles puderam vivenciar as histórias e, depois, contar para seus filhos e de seus filhos para seus netos. (FERREIRA DOS SANTOS, 2016, p. 21-22)

Os Pataxoop costumam dizer que a quantidade de livros e o tamanho das bibliotecas não indígenas materializa a extensão do esquecimento dos brancos, inversamente, quando um ancião pataxoop falece os *txihi* anunciam: "lá se vai uma biblioteca do povo pataxó". Os *makiami*, em geral, não sabem ler e escrever, mas transportam consigo uma série de saberes que transcendem a letra escrita, são palavras faladas em Patxôhã, *cortando* o português (BOMFIM, 2012; LOPES, 2017; PATAXÓ, 2022), desenhos-narrativa (BRAZ; VALADARES, 2021; BRAZ 2019), caminhadas (CRUZ, 2015; BRAZ, 2016; BONFIM, 2017), cantos (SANTANA, 2016; VIEIRA, 2016), histórias (FERREIRA DOS SANTOS, 2016; SANTOS, 2016) e lugares (ALVES, 2016; SILVA, 2020), enfim, toda uma "ciência da terra" (MAIA; BRAZ; ROMERO, 2021) que brota junto com a força dos antepassados.

Para Uilding Braz, pataxó da *pataxí imamakã* (aldeia mãe Barra Velha), contar histórias é se conectar aos *troncos* e à sabedoria dos anciãos:

> Ela é uma árvore que foi cortada, onde os seres que a cortaram deixaram apenas um toco velho, esse toco velho resistiu por muito tempo, e depois começa a sair de baixo da terra pequenas folhinhas verdes, vai ganhando vida e cresce. Hoje essa árvore já estar grande, dando frutos, está forte. Para a árvore pouco importa se os seres que a cortaram dizem se ela é árvore ou não, mas se essa árvore nova tem raízes, tem uma base do tronco velho, dá frutos, tem as mesmas folhas, como essa árvore não poderia ser uma árvore mãe de mesma espécie que aquela que um dia foi cortada pelo ser humano? Além do mais essa seria uma árvore mais forte pois, o seu tronco pode até estar fino, mas suas raízes, a sua base está bem enraizada e ligada na sabedoria e experiência da árvore velha. Esta árvore nova seria como nossos avós. Em muitas de nossas aldeias eles são considerados nossos pais, sendo assim pais e mães duas vezes. Desta forma, assim como nossos avós têm experiência multiplicada. (BRAZ, 2016, p. 37)

Uilding compara a *retomada* das *awãkã'p* (narrativas) a um *toco velho cortado*, dele brota uma nova rama que, apesar do tronco fino, tem raízes fortes, são os/as velhos/as de hoje, pais e mães duas vezes dos *txihi*. Os *makiami*, além do parentesco com seus/as filhos/as e netos/as, têm uma *experiência multiplicada*, estão ligados à *sabedoria e experiência da árvore velha cortada*. *Awãkã*, palavra do Patxôhã, é mais bem traduzida para o português pelo termo *causo*, categoria entre o mito e a história, conforme relatam as professoras pataxó Kaline Cunha e Roberta Ferreira:

> Desde criança ouvimos os velhos contar Causos sobre diferentes épocas e lugares. Quando entramos na universidade deparamos um pouco com história e mito que são

> duas palavras utilizadas para falar sobre coisas semelhantes, seja da história mais recente até mitos que, por sua vez, os velhos chamam de Causos. Nos termos escolares o Causo transita entre o que é chamado de mito e história. As histórias são fatos que são comprovadas a partir de documentações e o mito é mais uma narrativa oral. Quando queremos no referir a uma história para ser contada pelos nossos velhos, usamos a palavra Causo. Os Causos também são fatos narrativos envolvendo pessoas, ligados ou não a seres encantados, acontecimentos vivenciados a partir de experiências com os lugares sagrados. Sendo assim, vistos por nós indígenas como fatos reais, ensinamentos profundos que aconteceram ao longo do tempo, sendo importante até os dias de hoje, pois guardam os legados deixados pelos nossos ancestrais sobre a nossa existência e nossa história. (CUNHA; FERREIRA, 2017, p. 18)

Importante sinalizar que o *causo* implica um deslizamento de sentido entre o mito e a história, os *lugares sagrados* tanto materializam vestígios arqueológicos da caminhada dos velhos, quanto conectam o presente ao passado, os *tapurumã* (jovens) aos seus *makiami* (velhos). Nesse sentido, o *causo* não contrapõe a oralidade (mito) à escrita (história), mas sim compreende uma série de conexões a se fazer, em estado de porvir, entre os velhos, os jovens, os *lugares sagrados*, conexões essas que se desembrulham aos poucos, em sonho, por meio da caminhada e da visita aos parentes em diferentes *pataxí'p* (aldeias), relampejos de memória, *ensinamentos profundos* e *fatos reais* que a juventude pataxoop só pode apreender com eles na medida em que convive com essas narrativas e, assim, "faz a memória dos velhos respirar" no *tuhutary* (tempo presente).

Conclusões

A rede de relações *esparramadas* entre as *pataxí'p* (aldeias pataxó) acaba criando nódulos nos quais se entrelaçam a ancestralidade e a narração de certas histórias. Os *makiami* (anciãos e anciãs pataxó) sabem e relatam algumas *awãkã'p* (narrativas) em particular. Isso cria um duplo desdobramento, aquele/a que sabe contar histórias é porque caminhou e *pegou* relatos com os *makiami* nas aldeias *txihihãi* (pataxó) *esparramadas* aqui e ali; os/as pesquisadores/as pataxó e dos Pataxó (pesquisadores/as não indígenas), por sua vez, navegam pela teia de relações e se defrontam com as raízes das histórias e seus porta-vozes autorizados.

O etnólogo Fabiano Alves de Souza observou a existência de donos de histórias entre os Pataxó:

> - Você conhece ou já ouviu falar da Amesca?

> - Sim, nós conhecemos, mas quem vai contar direitinho essa história para você é Dona Nete.
> - Como eu posso falar com ela?
> - Ela puxou a rama lá para o Retirinho.
> De outra feita eu questionava sobre o caburé e o gavião, e eles respondiam:
> - É, eu conheço essa história, mas só quem conta ela é Kanatyo. Ele mora lá em Muã Mimatxi.
> - E quanto essa Braúna de Magalhães?
> - Essa história aí, só quem sabe ela é Seu Sapucaia, outro são sabe não. Ele mora lá em Açucena, na aldeia de Baiara.
> De outra vez, eu indagava: - sobre o Pai da Mata, quem pode conversar comigo sobre ele?
> - Cachimbo (Domingos Braz) é quem conta ela. Ele vai falar tudo para você. Ele mora em Araçuaí - Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba (MG), mas ele fica também em Coroa Vermelha (BA). (ALVES DE SOUZA, 2015, p. 149-150)

Percebe-se, destarte, que, como forma de preservar as histórias, os anciãos de diferentes aldeias se apropriam de diferentes *causos*, cabendo somente a eles contá-los. Logo, deslocar-se pelas aldeias pataxó é fundamental para se compreender melhor a tradição e memória guardadas pelos *makiami*.

Referências

ALVES, Tary F. **Histórias de lugares sagrados**. Monografia (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

ALVES DE SOUZA, Fabiano J. **Os Pataxó em morros brutos e terras fanosas**: descortinando o movimento das puxadas de rama. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

BRAZ, Uilding C. **Iõ êtxawê ũpú Atxôhã Patxôhã uĩ Kijẽtxawê Txihihãi Pataxó Arahuna'á Makiami**: hãtö uhãdxê ũpú nioniêmã fap´bwá uĩ atxôhã Patxôhã – *O ensino de Língua Patxôhã na Escola Indígena Pataxó Barra Velha*: uma proposta de material didático específico. Monografia (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

BRAZ, Werymehe A. **Tehêy de pescaria de conhecimento**. Monografia (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

BRAZ, Werymehe A.; VALADARES, Juarez M. Educação na aldeia e escola indígena de Muã Mimatxi: o tehêy de pescaria de conhecimento. **Educação e Pesquisa**, v. 47, p. 1-18, 2021.

BOMFIM, Anari B. **Patxohã, "língua de guerreiro"**: um estudo sobre o processo de retomada da língua pataxó. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

BONFIM, Aritana B. **Retomando a vida**: o caso de deslocamentos de uma família pataxó. Monografia (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017

CUNHA, Kaline B.; FERREIRA, Roberta P. **Causos contados pelos anciãos pataxó sobre Juacema**: lugar encantado. Monografia (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CRUZ, Alessandro dos S. **A memória viva das interações dos povos-parentes Maxakali-Pataxó**. Monografia (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

CRUZ, Felipe S. M. Indígenas antropólogos e o espetáculo da alteridade. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 11, n. 2, p. 93-108, 2017.

FERREIRA DOS SANTOS, Itanajé. **Narrativas pataxó da aldeia Barra Velha**. Monografia (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FIGUEIREDO, Paulo M.; BRAZ, Siwê A.; ROMERO, Roberto. "Ciência da terra": aprendendo com os tehêy em Muã Mimatxi. **Revista Educação Online**, n. 38, p. 67-88, 2021.

LOPES, Sirleide B. **Kwãnuk**: história e metodologia de ensino da língua Patxôhã do povo Pataxó. Monografia (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

PATAXÓ, Waiã – Sirleide Batista Lopes. **Patxôhã uĩ kijêtxawê**: um olhar sobre a língua e linguagem Patxôhã como instrumento de resistência nas escolas indígenas pataxó da Bahia. Dissertação (Mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais), Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro, 2022.

PATAXOOP, Kanatyo; PATAXOOP, Liça. O grande tempo das águas. In: GOMES, Ana Maria G.; LIMA, Deborah; OLIVEIRA, Mariana; MARQUEZ, Renata. **Mundos indígenas**. Belo Horizonte: Espaço do Conhecimento UFMG, 2020. p. 134-169.

SANTANA, Cleidiane P. **Cantos tradicionais pataxó na língua Patxôhã**. Monografia (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SANTOS, Ariane J. dos. **A contação de histórias tradicionais do povo pataxó na reserva da Jaqueira**: a oralidade através dos tempos. Monografia (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SILVA, Samaritana R. da. **Narrativas do povo pataxó em Aldeia Velha**. Monografia (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

VIEIRA, Vislandes B. **A importância do canto dentro do ritual Awê Pataxó**. Monografia (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.